

Desigualdade de gênero na pandemia de Covid-19: as fontes na cobertura jornalística do Fantástico em abril de 2020 e 2021¹

Giordano de Arruda TOMASELLI²

Tamires Ferreira COELHO³

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

Resumo

Este artigo parte de uma pesquisa com o objetivo de observar como se dá a representação feminina na construção de matérias jornalísticas do programa “Fantástico” que tiveram como foco a pandemia de Covid-19 em abril de 2020 e de 2021. Neste trabalho, o foco se volta sobre as fontes das reportagens. Na metodologia, utilizamos a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016), associada à construção de uma tabela com base na metodologia e codificação do Monitoramento Global dos Media, aplicada a um produto audiovisual. O gênero feminino, ao ser minoria entre as fontes especialistas e maioria dentre as que trazem sua experiência pessoal, além de ser a maioria dentre quem teve suas relações familiares informadas, reforça a ideia de que o espaço público pertence aos indivíduos do gênero masculino e o espaço doméstico, de quem não teria qualificação para ser especialista em algo, é destinado ao feminino.

Palavras-chave: Jornalismo; Pandemia; Fantástico; Fontes; Desigualdades de gênero.

Introdução

O “Fantástico” é um programa jornalístico de alcance e relevância nacional, que é líder de audiência aos domingos, segundo o Kantar IBOPE Media, praticamente desde quando estreou, há 47 anos. O fato de sua periodicidade ser semanal e de seu tempo de duração ser relativamente grande (se comparado a outros programas jornalísticos diários da TV aberta brasileira) permite ao programa exibir reportagens mais longas e detalhadas, com mais conteúdo e uma produção mais completa do que as exibidas nos telejornais diários, por exemplo, que têm menos tempo hábil de produção e exibição.

¹ Trabalho apresentado no GT História do Jornalismo integrante do 6° Encontro Regional Centro-Oeste de História da Mídia - Alcar Centro-Oeste.

² Estudante de Jornalismo da UFMT, bolsista de PIBIC financiado pelo CNPq, email: tomaselli100@gmail.com

³ Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Poder da UFMT, email: tamires.coelho@ufmt.br

6° ENCONTRO REGIONAL CENTRO-OESTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

Reinventando as independências: conquistando novas democracias.

Realização:  

Evento Remoto com Inscrições Gratuitas
03 e 04 de Novembro de 2022
Submissão de Trabalhos até 20/10

Apoio:  

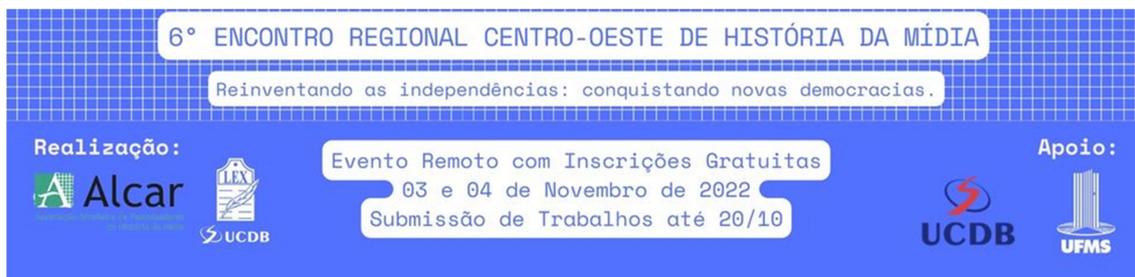
O “Fantástico” tem destaque desde o início de 2020, em todas as suas edições, assuntos relacionados à pandemia de Covid-19, que ainda assola o Brasil e o mundo. A Covid-19 é a doença causada por uma nova cepa de coronavírus que não tinha sido identificada em humanos ainda, até os primeiros casos serem notificados na província de Wuhan, na China, no final de 2019. O vírus acabou se espalhando por vários países, provocando colapso nos sistemas de saúde e levando a Organização Mundial da Saúde (OMS) a declarar situação de pandemia em 11 de março de 2020. Desde lá, a pandemia alterou a vida de muita gente no mundo inteiro ao inserir novos hábitos, como os *lockdowns*, isolamento e distanciamento social, uso de máscara, mas também nos fez assistir ao alto número de vítimas diárias.

Pela sua importância nas sociedades democráticas, o jornalismo deveria, teoricamente, apresentar uma maior diversidade de fontes, de modo a refletir a pluralidade e complexidade da nossa sociedade. Por isso, é estratégico investigar sobre processos comunicativos durante a maior pandemia do século, pois refletem sobre características inerentes às apropriações de tecnologias de produção informacional televisiva, percebendo limitações e potencialidades da produção jornalística brasileira e considerando que as informações, sobretudo em um cenário pandêmico, são tanto produtos quanto serviços essenciais à população.

Além disso, sabendo que o Fantástico é um produto hegemônico de referência jornalística, em âmbito nacional, os problemas identificados nesta análise, muito provavelmente não são exclusivos somente deste programa. Estamos refletindo sobre este produto para expor esses problemas que, na verdade, estão presentes na base dos produtos jornalísticos da contemporaneidade aqui no Brasil.

Objetivos

Este artigo parte de uma pesquisa com o objetivo de observar como se dá a representação feminina na construção de matérias jornalísticas do programa “Fantástico” que tenham como foco a pandemia de Covid-19. Foi considerado se há



presença ou ausência de mulheres nas reportagens, observando quem é ouvida, identificando problemáticas na cobertura e percebendo que posição ocupam, bem como se houve presença de perspectivas e visões que levem em conta a igualdade de gênero ou se há a reprodução de preconceitos e estereótipos. Neste trabalho, o foco se volta sobre as fontes das reportagens.

Metodologia

Na metodologia, utilizamos a Análise de Conteúdo (AC) segundo Bardin (2016), associada à construção de uma tabela com base na metodologia e codificação do Monitoramento Global dos Media (WACC, 2020), aplicada a um produto audiovisual. Dada essa situação excepcional que se desenrolava durante os períodos analisados, achou-se necessário fazer algumas adaptações na tabela de codificação, que foi desenvolvida para o GMMP (Projeto de Monitoramento Global dos Media, em inglês), para que ela coubesse nesta análise mesmo que não tenha sido pensada para a situação de pandemia, que é um foco aqui. O GMMP é o maior e mais longo estudo sobre gênero na mídia mundial, e tem como objetivo identificar a representação das mulheres nos meios de comunicação dos mais de 100 países no qual é realizado desde 1995, sempre a cada 5 anos. Em 2020, o Brasil voltou a integrar o estudo.

Resultados, discussão e análises

Um ponto importante nesta pesquisa é a observação das fontes selecionadas em cada caso codificado, sabendo principalmente duas coisas: 1) a importância das fontes em toda produção jornalística, e 2) como a escolha e seleção de fontes diz muito sobre o veículo, o jornalista responsável e a mensagem que se quer passar. Nesta pesquisa, analisamos somente as fontes humanas. Notas em nome de instituições, por exemplo, não são codificadas, somente se houver alguém como porta-voz representando o órgão/instituição.

O papel essencial das fontes no fazer jornalístico faz dela um elemento indispensável em qualquer produto, pois, segundo Chagas (2019, p. 1246), “a rede noticiosa depende das fontes para a promoção e apuração das informações”. Chagas

6° ENCONTRO REGIONAL CENTRO-OESTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

Reinventando as independências: conquistando novas democracias.

Realização:  

Evento Remoto com Inscrições Gratuitas
03 e 04 de Novembro de 2022
Submissão de Trabalhos até 20/10

Apoio:  

(2019) ainda vai apontar que há uma dependência de fontes oficiais no radiojornalismo, algo que Traquina (1993) já apontava ser um problema do jornalismo em geral, pois há uma convenção no campo de que “a posição de autoridade confere credibilidade”, fazendo com que essas pessoas sejam mais favorecidas no processo de produção das notícias (TRAQUINA, 1993, p. 172). Hall et al. também denunciam esse vício dos jornalistas, que recorrem a fontes “dignas de crédito” devido a seu poder, sua posição institucional ou seu status de representante com a intenção de trazer uma certa “objetividade”, preferência estruturada que eles chamam de “definidores primários” (HALL et al., 1993, p. 229).

Assim como as notícias, que são um produto final de um processo de escolha e seleção dos acontecimentos de acordo com um conjunto de categorias socialmente construídas (HALL et al., 1993, p. 224), a seleção das fontes também é um processo importante e se faz indispensável na construção da produção da reportagem. Os jornalistas e agentes noticiosos decidem regularmente quais histórias são noticiáveis, quais merecem maior destaque e quais são irrelevantes e são eliminadas, baseando-se no que chamamos de valores-notícia (HALL et al., 1993, p. 225). Com isso, o jornalismo direciona visibilidade maior para determinados assuntos em detrimento de outros.

Na mesma linha do que foi trazido anteriormente por Alcântara (2021) e Lima (2020) sobre o papel feminino nas redações brasileiras e sua representação no noticiário, Amorim (2021, p. 55) traz que essa predominância masculina e a falta de diversidade refletem diretamente na seleção de quem será ouvido, pois, para a autora, a “pouca diversidade das fontes representa ainda as redações compostas, em sua grande maioria, por pessoas brancas, heterossexuais e cisgêneras, buscando fontes brancas e dentro do padrão cis heteronormativo”. É problemático quando essas representações são trazidas pela mídia em uma sociedade que é “estruturada pela dominação masculina, a posição das mulheres não é apenas ‘diferente’ da dos homens. É uma posição social marcada pela subalternidade” (MIGUEL, 2014, p. 64).

Ressaltamos que aqui não temos como objetivo fazer um juízo de valor arbitrário ao trabalho realizado pelo programa analisado, e sim observar, promover um debate e uma análise crítica acerca desse importante produto jornalístico brasileiro.

6° ENCONTRO REGIONAL CENTRO-OESTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

Reinventando as independências: conquistando novas democracias.

Realização: **Alcar**  **Evento Remoto com Inscrições Gratuitas**
 03 e 04 de Novembro de 2022
 Submissão de Trabalhos até 20/10

Apoio:  

Além disso, possíveis problemáticas percebidas em um programa como o Fantástico, podem evidenciar vícios e erros enraizados na cobertura jornalística e que podem aparecer em maior evidência em outros telejornais país afora, principalmente nos de caráter mais sensacionalista.

Em uma reportagem onde o assunto eram pessoas “invisíveis” que ficavam fora da abrangência do auxílio emergencial, por exemplo, foram encontradas fontes masculinas porta-vozes, especialistas e trazendo sua experiência pessoal, porém, todas as fontes femininas ouvidas se restringiam a trazer sua experiência pessoal sobre o assunto, ou seja, somente mulheres em vulnerabilidade econômica. No geral, mais de 60% das fontes mulheres trazidas pela revista eletrônica estão relatando sua “Experiência pessoal”, diferente das fontes masculinas, onde somente 29% são trazidas com essa função na notícia.

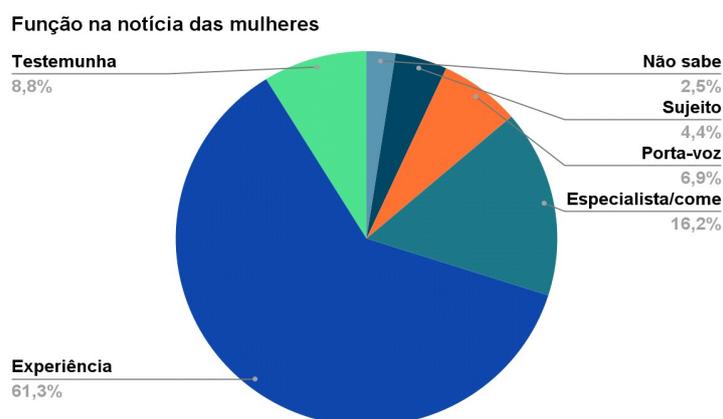


Gráfico 1: Função das mulheres nas notícias

Considerações Finais

O Fantástico é um programa que é referência jornalística em âmbito nacional. Por ter a periodicidade semanal e tempo maior de exibição, suas reportagens podem ser melhor elaboradas e podem abordar temas ou detalhes negligenciados (ou trazidos superficialmente), se comparadas à apuração dos meios jornalísticos de periodicidade diária. Logo, problemas identificados nesta análise certamente se repetem em maior frequência e gravidade em veículos de periodicidade diária e de menor estrutura.

6° ENCONTRO REGIONAL CENTRO-OESTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

Reinventando as independências: conquistando novas democracias.

Realização:  

Evento Remoto com Inscrições Gratuitas
03 e 04 de Novembro de 2022
Submissão de Trabalhos até 20/10

Apoio:  

O gênero feminino, ao ser minoria entre as fontes especialistas e maioria dentre as que trazem sua experiência pessoal, além de ser a maioria dentre quem teve suas relações familiares informadas, reforça a ideia de que o espaço público pertence aos indivíduos do gênero masculino e o espaço doméstico, de quem não teria qualificação para ser especialista em algo, é destinado ao feminino. Ao não trazer uma diversidade maior em suas fontes, o programa apresenta um Brasil diferente dos números do IBGE, que mostram que mulheres e pessoas pretas e pardas são a maioria da população, o que direciona ele a um certo tipo de público, possivelmente branco, masculino e sudestino, pois o gênero feminino foi ouvido em menor número e mulheres negras constituem uma parcela ainda menos ouvida. Há que se cobrar a necessidade de os veículos de comunicação implementarem programas de conscientização e que promovam políticas de igualdade de gênero dentro de suas redações e em suas práticas de trabalho.

REFERÊNCIAS

ALCANTARA, Juliana. Gênero e jornalismo: quem produz as notícias e como influenciam no discurso. **Observatorio (OBS*)**, v. 15, n. 1, 2021.

AMORIM, Thays Luz. **A construção noticiosa da população LGBTQ+ no jornalismo digital Cuiabano**. 2021. 120 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social - Jornalismo, Comunicação Social, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2021.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

CHAGAS, Luã José Vaz. A seleção das fontes e a terceirização na construção das notícias: dependência e passividade na CBN Ponta Grossa. In: **Estudios sobre el Mensaje Periodístico**. 2019, p. 1243-1253.

HALL, Stuart et al. A produção social das notícias: O 'Mugging' nos Media. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Lisboa: Vega, 1993.

LIMA, Daniele Silva. **A presença das mulheres como fontes de informação no telejornalismo: uma análise do jornal hoje e do jmtv 1a edição**. 2020. 76 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2020.

MIGUEL, Luis Felipe. Gênero e representação política. In: BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. **Feminismo e Política**. São Paulo: Boitempo, 2014. p. 58-67.

TRAQUINA, Nelson. (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Lisboa: Vega, 1993.

6° ENCONTRO REGIONAL CENTRO-OESTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

Reinventando as independências: conquistando novas democracias.

Realização:



UCDB

Evento Remoto com Inscrições Gratuitas

03 e 04 de Novembro de 2022

Submissão de Trabalhos até 20/10

Apoio:



WACC. **The Global Media Monitoring Project 2020**. 2020.

WACC. **The Global Media Monitoring Project 2020: Brasil National Report**. 2021.